

A CRUZ COMO SUPERAÇÃO E LIBERTAÇÃO

Vera Lúcia Membrive Casagrande*

Vicente Artuso**

Resumo

O presente estudo tem por objetivo apresentar uma reflexão acerca da cruz de Cristo. Para isso, trataremos da superação de Paulo após vivenciar o insucesso de sua missão em Atenas (At 17,22-34). Tal superação está ligada à missão a ser posteriormente realizada na cidade de Corinto. Nessa cidade, o apóstolo utiliza a linguagem da cruz como expressão de loucura e contradição para o mundo acostumado com vitórias e conquistas. A sabedoria para Paulo passa ser o Cristo crucificado. Na cruz de Cristo, o apóstolo funda a comunidade de Corinto e sustenta que é somente nela que os conflitos serão superados. Jesus propõe aos seus discípulos que se disponham a passar pelas mesmas consequências da práxis libertadora, pela cruz, para que a dor e o sofrimento humano também sejam superados.

Palavras-chave: Cruz. Sabedoria. Superação. Missão. Sofrimento.

Abstract

The present study aims to present a reflection on the cross of Christ. We will try to overcome Paul's experience after the failure of his mission in Athens (Acts 17.22-34). This overrun is on the mission to be performed later in the city of Corinth. In this city, the apostle uses the language of the cross as an expression of madness and contradiction to the world accustomed to victories and conquests. According to the Paul's thought the wisdom becomes the crucified Christ. In the cross of Christ, the apostle founded the community of Corinth and maintains that only in the cross those conflicts will be overcome. Jesus proposes to his disciples to be willing to go through the same consequences of liberating praxis, the cross, in order to overcome the pain and human suffering.

Keywords: Cross. Wisdom. Overcoming. Mission. Suffering.

* Mestranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

** Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor do programa de mestrado da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Líder do Grupo de Pesquisa Bíblia e Pastoral.

1. Experiência de Paulo em Atenas

Antes de entrar em Corinto, o apóstolo Paulo vivenciara um fracasso em sua missão em Atenas, cidade situada na parte continental da Grécia. Na cidade de Sócrates, Péricles e de Platão, tudo passava pelo crivo crítico da razão. Embora os tempos fossem outros, a Atenas do primeiro século dC ainda exercia um forte fascínio sobre os seus grandes filósofos, poetas e artistas. Anteriormente, a cidade passara por guerras republicanas. Em virtude de várias derrotas, Atenas ficou reduzida a uma cidade provinciana. Contudo, continuou sendo um centro atrativo para os cultivadores das artes e dos estudos. No período em que Paulo a conheceria, sua população girava em torno de cinquenta mil pessoas¹.

Ao que parece, até chegar à cidade de Atenas, nada havia abalado o ânimo de Paulo, enquanto pregador do Evangelho. Todavia, segundo consta, em solo grego, “seu espírito se comovia em si mesmo, vendo a cidade tão entregue à idolatria” (At 17,16). Para Paulo, os monumentos de Atenas não passavam de ídolos. Nessa cidade, a idolatria era tão grande que, para não correrem o risco de atrair sobre si a ira de alguma divindade, cuja existência pudesse ignorar, seus habitantes chegaram a erigir um altar “ao Deus Desconhecido” (At 17,23).

O apóstolo não obteve sucesso em sua tentativa de anunciar Jesus e a Ressurreição (At 17,18) aos gregos que se encontravam no mercado. Os atenienses imaginaram que Paulo estivesse falando sobre um casal de deuses, ou seja, de duas divindades: A Ressurreição tomada como uma deusa (grega *Anástasis*), parceira de Jesus². Pensavam que, de fato, tratava-se de uma nova doutrina e queriam saber sobre ela.

As escolas filosóficas mais difundidas nesse período imperial eram: o epicurismo e o estoicismo. Embora houvesse uma profunda diferença entre ambas, o cristianismo, que foi favorecido por alguns de seus aspectos, acabou esbarrando naquilo que para elas era comum, a saber: “a rejeição de um Deus pessoal absolutamente distinto do universo, certo humanismo, um racionalismo fundamental”³. Foram exatamente os filósofos *epicureus e estoicos*, frequentadores da *ágora*, que conduziram Paulo ao Areópago. A *ágora* era o centro da vida de Atenas. Tratava-se de um lugar de reunião do conselho da cidade (At 17,19-21).

Ainda que Paulo tivesse falado da ressurreição aos gregos, não falou de Jesus crucificado. O Apóstolo achava que sozinho poderia derrubar todo o sistema religioso existente e promover a conversão dos pagãos com a força dos seus argumentos. Vale mencionar que seu discurso foi baseado nas leis da oratória e da sabedoria. Mas, segundo Mesters, Paulo “teve que experimentar a total inutilidade dos seus argumentos. Foi um fracasso! O sistema não se abalou, nem se alterou. Pouca gente se converteu”⁴.

1. MCKENZIE, J.L. *Dicionário bíblico*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 188.

2. A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1985, p. 2082.

3. BÍBLIA: Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994, p. 2139.

4. MESTERS, C. *Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho*. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 87.

Paulo ficou indignado e decepcionado com o insucesso da pregação às elites de Atenas. Apenas alguns fiéis permaneceram nesta cidade. Entre os convertidos, podemos citar: Dionísio, membro do conselho do Areópago, e uma mulher chamada Dâmaris. Não se tem nenhuma outra notícia no Novo Testamento da existência de uma comunidade cristã em Atenas. Como se pode constatar, Paulo não encontrou um terreno favorável ao anúncio da Palavra no solo grego. Para Bortolini, os atenienses “deram um golpe fatal ao ‘ego farisaico’ que ainda mostrava sinais de vida nesse evangelizador itinerante”⁵. Na verdade, o ‘ego farisaico’ de Paulo morre para dar lugar a uma nova consciência. O apóstolo passa a entender que somente os crucificados da sociedade estão abertos para receber a novidade do Evangelho.

Em síntese, a teologia de Paulo brota de uma experiência de conflitos. Em Atenas, ele tentou falar do Evangelho através de um discurso sábio. Falou dos filósofos, mas correu o risco de esvaziar o valor da cruz de Cristo. O específico do cristão é usar a cruz, a sabedoria que vem de Deus. Paulo, depois de toda a experiência amarga de Atenas, partiu para Corinto (At 18,1) e, com sua vida, anunciou e deu o testemunho de Deus deixando de lado as vestes da sabedoria humana. Rapidamente, ele se refez de toda a situação vivida em Atenas e também se restabeleceu das agressões físicas sofridas em Filipos (At 16,19-40).

2. Paulo funda a comunidade em Corinto

Narra o livro dos Atos dos Apóstolos (18,1-18) que Paulo chegou a Corinto no fim do inverno de 50 a 51 dC. O Apóstolo entra em Corinto pela porta dos escravizados. Conforme Bortolini, “ele entra em Corinto com a consciência de que deve anunciar Cristo Crucificado para os crucificados da história”⁶. Paulo descobre que o esforço da razão humana, por si só, não é capaz de abarcar e promover o entendimento do mistério de Deus, nem de converter as pessoas. De acordo com Mesters, “em vez de prestígio da oratória e da sabedoria, agora ele só fala na cruz de Jesus Cristo. Em vez da força dos argumentos, agora só tem fraqueza, receio e tremor para apresentar”⁷. Com a experiência do fracasso em Atenas, a luz o atingiu e ele experimentou o poder e a sabedoria de Deus (1Cor 2,1-17).

Em Corinto, Paulo se hospedou na casa de um casal de judeu-cristãos, Priscila e Áquila; passou a trabalhar no mesmo comércio de confecção de tendas que eles (At 18,3) e, aos sábados, pregava nas sinagogas. Veja-se, aqui, um dado importante: o Apóstolo se aproxima do mundo do trabalho e dos trabalhadores, como já fizera, aliás, em Tessalônica (1Ts 2,9). Como se pode observar, a conversão do Apóstolo foi radical. Ele mudou de posição social, deixando de ser patrão para ser um empregado

5. BORTOLINI, J. *Como ler a Primeira Carta aos Coríntios: superar os conflitos em comunidades*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 7.

6. BORTOLINI, *Como ler a primeira carta aos Coríntios*, p. 8.

7. MESTERS, *Paulo Apóstolo*, p. 88.

assalariado, na classe de escravo. Paulo, sendo livre, fez-se servo para ganhar as pessoas para Cristo (1Cor 9,19).

O Apóstolo rompeu com o sonho ideal da sociedade de então. Fez questão de trabalhar com suas próprias mãos. Na época, grande parte da população urbana era formada por escravos que, em virtude de suas condições de vida, jamais conseguiria alcançar a cidadania e a liberdade. Nascer escravo significava morrer escravo. É sabido que, na sociedade grega ou helenística, o trabalho manual era próprio de um escravo. Os gregos almejavam uma vida com muita tranquilidade, só de estudo e meditação, sem trabalho manual. Os filósofos e missionários gozavam destes benefícios, uma vez que a comunidade os acolhia e os sustentava. Paulo, porém, recusou este direito (1Cor 9,15).

Ele mostra que, junto com o trabalho, é possível também evangelizar. Se, na cultura grega, o homem livre não se misturava com os escravos, no mundo hebraico, o homem era digno do seu trabalho. Assim, foi, sobretudo, no meio dos pobres, dos escravos que trabalhavam com as próprias mãos, que surgiram as primeiras comunidades cristãs do mundo grego (1Cor 1,26).

Para Paulo, o trabalho ocupava um lugar privilegiado, era o centro de sua vida. É bem verdade que foi com o trabalho de suas próprias mãos que ele se sustentava, sendo um exemplo vivo. Com seu testemunho, ajudava o povo das comunidades a notar onde estava a fonte da verdadeira vida honrada (1Ts 4,11-12), a saber: na sua condição de trabalhador e escravo. Como observa Mesters, “foi do seu trabalho como meio de vida que Paulo mostrava concretamente como o Evangelho podia e devia ser encarnado na vida do povo das periferias das grandes cidades do seu tempo”⁸.

Paulo pregava o Evangelho gratuitamente, com ajuda de Silas e Timóteo, que haviam chegado da Macedônia (2Cor 1,19; At 18,5). Sua pregação provocava conflitos, a ponto de ocasionar até mesmo a sua expulsão da sinagoga. O Apóstolo nunca aceitou receber dinheiro dos coríntios, os quais, por esse motivo, o censuraram (1Cor 4,12; 9,1-22; 2Cor 11,7-9).

A nova comunidade fundada teve muitos colaboradores. Entre eles estão: Acaico, Priscila e Áquila, Apolo, a família de Cloé, Estéfanos, além de outros. O nascimento da comunidade deu-se através de pessoas que estavam, em sua maioria, debaixo da opressão, da escravidão e da marginalização. O número de cristãos de Corinto era de cerca de cinquenta⁹. Os que haviam se convertido através da pregação de Paulo eram provenientes de origem diversa, entre eles: judeus, romanos, gregos e outros. A classe social a que pertenciam era média baixa. Na verdade, conforme já mencionado, em sua maioria, tais indivíduos eram seres marginalizados, ou seja, escravos, mulheres, artesãos, homens sem acesso ao saber. Tais pessoas eram consideradas loucas, fracas, desprezíveis, vis e sem nenhum valor (1Cor 1,27-28). Comentando sobre essa comunidade de crucificados, à qual é anunciado Jesus crucificado,

8. MESTERS, *Paulo Apóstolo*, p. 62.

9. HAWTHORNE, G.F. et al. (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 282.

Bortolini diz que “a sociedade nada esperava dessas pessoas, nem lhes dava chances de participação na vida social; eram considerados ignorantes e incapazes de qualquer decisão”¹⁰. Devido ao fato de haver uma grande variedade de culturas, também havia grandes conflitos e muitas dificuldades de relacionamento.

Paulo anuncia Cristo crucificado com a sua própria vida e com trabalho. Fala do Deus encarnado na realidade social daqueles que estão à margem. A fundação da comunidade de Corinto faz memória do povo do Egito que clamava por sua libertação. Deus viu a aflição do seu povo, ouviu seus clamores e desceu para livrá-lo dos egípcios e para fazê-los subir a terra que mana leite e mel (Ex 3,7-8). Recorda a vinda do Salvador, que vem em auxílio da humanidade que sofre. Jesus se fez servo sofredor (Fl 2,5-11).

A primeira família batizada por Paulo em Corinto foi a de Estéfanos, que se tornou o núcleo dos cristãos (1Cor 1,16). Paulo permaneceu um ano e meio em Corinto (At 18,11). Antes de deixar a comunidade, ele confiou a Estéfanos a função de coordená-la. Com o auxílio de Fotunato e Acaico, Estéfanos dá sequência a toda evangelização e mantém as relações entre Paulo e a comunidade cristã de Corinto.

3. A superação de Paulo

Paulo supera a decepção de Atenas usando em Corinto a linguagem da cruz que é expressão de loucura e contradição para um mundo acostumado com vitórias e grandes conquistas. Para Paulo, a cruz é fundamental na história da humanidade. Ela representa o ponto principal de sua teologia e representa o meio pelo qual a salvação é concedida a toda a criatura. Embora os militares romanos fizessem uso da crucifixão como um instrumento de tortura para aterrorizar os povos subjugados, a fim de submetê-los ao regime imperial, Paulo coloca a cruz, algo tão desprezível aos olhos dos gregos e dos judeus, no centro de sua pregação. Através da missão de Paulo, “Cristo crucificado tornou-se o símbolo central do movimento popular que veio a ser o cristianismo”¹¹.

Em Atenas, Paulo pensava ser possível converter os pagãos com suas próprias forças, usando seus argumentos. Ele falou aos filósofos, mas não conseguiu expressar o específico do cristão, a sua identidade, que é a cruz. Por meio dessa experiência, o Apóstolo experimentou em si mesmo a cruz, a fraqueza, o receio e o tremor (1Cor 2,3). Ao procurar enfrentar a ideologia pagã ateniense com a força da sabedoria e da oratória, ele fracassa, e foi precisamente por meio desse fracasso que ele experimentou a força da sabedoria de Deus, que se manifestou na loucura e escândalo da cruz (1Cor 1,21-25). Paulo, com toda a certeza, aprendeu a lição e mudou sua prática. Em Atenas, ele não tinha falado de Jesus crucificado. Agora, em Corinto, ele já não quer saber de nada além de Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado (1Cor 2,2).

10. BORTOLINI, *Como ler a primeira carta aos Coríntios*, p. 14.

11. HORSLEY, R. A. *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 19.

Na cidade de Atenas, o Apóstolo havia ocultado sua própria fraqueza na sabedoria e na oratória. É como se ele escondesse a Cruz atrás da Ressurreição! Através de sua experiência, ele descobre a força da ressurreição, capaz de converter as pessoas, que se revela na cruz e na fraqueza (1Cor 1,18). É bem verdade que, em Corinto, já não esconde a fraqueza, nem se importa de ser contestado e de ser chamado de louco ou de escandaloso (1Cor 1,23).

Paulo tivera a experiência da dor, da amargura e da rejeição do anúncio cristão. Julgado, dentro da lógica racional, fora considerado indigno. Embora os gregos buscassem a perfeição espiritual, para eles era inconcebível a ideia de um Deus nascer homem e inaceitável o fato de um Deus morrer na cruz. O apóstolo descobre que o esforço humano, a razão humana, sozinhos, não são capazes de descobrir o mistério de Deus, nem mesmo de serem seus instrumentos para levar as pessoas à conversão. Quando passamos pela conversão, experimentamos a luz da Ressurreição no Crucificado.

O apóstolo faz questão de recordar aos coríntios que Jesus havia ressuscitado e está vivo; que o Ressuscitado é sempre Aquele que foi crucificado; e que aquilo que é tido por escândalo, evocando a ideia de fracasso, dor e derrota, deve ser visto por outro ângulo, pois, como diz Bento XVI acerca da cruz, em sua catequese pronunciada no dia 29 de outubro de 2008: “Aí está todo o poder do amor ilimitado de Deus, porque a cruz é expressão de amor, é o verdadeiro poder que se revela precisamente nesta aparente fraqueza”¹². A própria sabedoria é o Crucificado. Nele revela-se a verdadeira sabedoria.

O centro do anúncio de Paulo à comunidade de Corinto é o Cristo crucificado. Trata-se, pois, da inversão identificada no misterioso projeto de Deus em relação aos planos humanos de superioridade e poderio. Desse modo, o paradoxal conteúdo da mensagem anunciada, “Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado” (1Cor 2,2), sublinham a forma empregada por Deus, a fim de revelar aos homens sua sabedoria misteriosa, oculta pelos séculos, mas agora manifestada em Jesus Cristo mediante o Espírito Santo (1Cor 2,7-10). Cumpre notar também que é apoiado nessa sabedoria que o Apóstolo constrói o discurso dirigido aos coríntios. Assim sendo, ele põe em evidência a superioridade desta em relação à sabedoria humana, sem recorrer à linguagem elegante e dialética, digna de prestígio e crédito tão cara ao mundo grego.

Assim dito, o conhecimento da sabedoria divina é exclusivamente fruto da graça, é dom recebido gratuitamente, “e não conquista humana da qual se poderia contar vantagem. Quem a possui é apenas o beneficiário de uma luz divina penetrante que provém do Espírito, este sim o perscrutador dos segredos profundíssimos de Deus”¹³. Por sua vez, o caráter gratuito da sabedoria divina concedida pelo Espírito Santo exi-

12. BENTO XVI. *Audiência geral: a importância da cristologia: a teologia da cruz*. 29 out. 2008. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081029_po.html>. Acesso em: 20 maio 2012.

13. BARBAGLIO, G. *As cartas de Paulo* (II). São Paulo: Loyola, 1989, p. 195.

ge do homem uma resposta favorável. O Espírito, que é fonte de iluminação e único distribuidor desse conhecimento elevado, age conforme a disponibilidade particular de seus interlocutores. Assim, Paulo distingue entre homem psíquico e homem espiritual. O primeiro rejeita o que provém do Espírito, deixando-se guiar unicamente pelo princípio racional da *psyché*, apoiando-se nos recursos da inteligência pura. Diversamente, o homem espiritual é aquele que se deixa guiar pelo Espírito doador da sabedoria inefável, apegando-se com docilidade à sua ação.

Tendo bebido na fonte inesgotável da vida (Jo 4,14), ou seja, no coração do Cristo crucificado, Paulo começa a agir de uma nova maneira. Quando a comunidade de Corinto passava por desordens, escândalos, partidos e divisões no seu interior, a ponto de a comunhão estar ameaçada (1Cor 1,10-16), ele era levado a anunciar esse mesmo Cristo não através de simples palavras nem mesmo com a sua sabedoria, mas com sua própria vida. Deus, no seu extremo amor pela humanidade, vai ao martírio na cruz. Paulo vivenciou este amor em si mesmo: “Já não sou mais eu que vivo, mas Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). De pecador, tornou-se um em Cristo; de perseguidor, tornou-se servidor e discípulo do Crucificado. A cruz é a grande manifestação do amor de Cristo, que livremente aceitou a sua paixão, antes de sofrê-la. É bem verdade que ela não constitui um acontecimento simplesmente humano e trágico, mas uma iniciativa salvífica do Filho que, encarnando-se, rebaixou-se obediente até a morte, e morte de Cruz (Fl 2,5-11).

A medida preventiva de Paulo era evitar tudo o que não levava à santidade. E, para chamar atenção, ele, colocando-se na condição de um pai que se dirige aos filhos, mostra à comunidade que o caminho não é outro senão o da cruz que deve ser imitado (1Cor 4,14-17). Como se observa, é exatamente a cruz de Cristo que funda a comunidade e é exatamente ela que pode ajudar a vencer as rixas, divisões e partidos. “A lógica da cruz se opõe à dos príncipes deste mundo (1Cor 2,8) e derruba, portanto, as pretensões de poder que certamente estavam contaminando os coríntios”¹⁴. Somente na mística da cruz é que os conflitos são superados.

Entre os dirigentes da comunidade de Corinto surgiram algumas divisões, nas quais alguns começaram a dar maior valor a certos ministros do Evangelho. Paulo chama atenção da comunidade no que diz respeito a essa atitude e os faz lembrar que Jesus e nenhum outro homem foi crucificado por amor a eles. Na comunidade cristã, não pode haver partidos (1Cor 1,12-17): “Diante das rixas em busca de sabedoria, poder e prestígio, Paulo responde com o Cristo crucificado, a loucura e fraqueza de Deus (1Cor 1,10-12)”¹⁵. Para Paulo, a identidade cristã não vem do simples fato de alguém seguir este ou qualquer outro fundador. Por tal razão, em Cristo, a comunidade se torna senhora de tudo, até daqueles que a levam à fé (1Cor 3,5). De acordo com Paulo, que “ninguém procure nos homens motivo de orgulho, pois tudo pertence a

14. SILVA, V. *Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus: teologia paulina*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 42.

15. CANTARELA, A.G. Ser Cristão no meio de conflitos: uma leitura de 1Cor. *Convergência*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 300, mar. 1997, p. 101.

vós: Paulo, Apolo, Cefas, o mundo, a vida e morte, as coisas presentes e as futuras. Tudo é vosso; mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus” (1Cor 3,21-23).

O Apóstolo Paulo recorda à comunidade de Corinto que o Ressuscitado é e sempre será o crucificado e que, só na aparência, o escândalo da cruz tem aspecto de fracasso, dor, sofrimento e derrota. Na realidade, a grandeza está exatamente aí. A cruz expressa o amor ilimitado de um Deus que, em função desse próprio amor incondicional, dá-se de si mesmo, a ponto de esvaziar-se, revelando-se na fraqueza: “O esvaziamento de Jesus capacitou-o a assumir a humanidade”¹⁶.

A nova experiência vivida por Paulo fez com que os seus olhos se abrissem à realidade fora do povo de Israel, no meio dos empobrecidos, marginalizados e fracos da periferia de Corinto. Aqui, a sabedoria de Deus é revelada aos crucificados. Paulo mostra à comunidade de Corinto o novo modo de se relacionar com Deus e com as pessoas, e como essas novas relações geram um tipo novo de sociedade quando se tem um verdadeiro encontro com o Crucificado Ressuscitado. Na verdade, todos são chamados a ser santos e imitadores do Senhor: “Àqueles que foram santificados em Cristo Jesus, chamados a ser santos, com todos os que em qualquer lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Cor 1,2). A pessoa de Jesus deve ser colocada no centro da comunidade e da vida de seus pertencentes. É Ele quem recebeu o título de Senhor após ter-se feito servidor de todos e obediente ao Pai até a morte na cruz (Fl 2,5-11).

Para Paulo, os empobrecidos e marginalizados de Corinto possuem a sabedoria que vem de Deus: “Os crucificados da sociedade nem sempre tomam consciência da força histórica que possuem. Acostumados somente a escutar e a obedecer, arriscam cair num tipo de idolatria que vê nos poderosos os representantes da vontade e o agir de Deus”¹⁷.

No entanto, para o apóstolo, a sabedoria é o sentido da vida que Deus pôs em toda a criação. Trata-se de um saber revelado e salvífico. Todos têm acesso a essa sabedoria, porém, de forma especial, os marginalizados e os empobrecidos, pois é neles que o clamor pela vida se manifesta com maior intensidade. A convocação dos pobres e marginalizados não se faz por méritos ou qualidades pessoais, mas por ato de eleição de Deus. Deus se fez pobre por nós para nos enriquecer com sua pobreza (2Cor 8,9). Para demonstrar esse grande amor pelos que clamam por vida, Deus enviou seu filho ao mundo para que o mundo fosse salvo por Ele (Jo 3,16).

Em suma, a cruz para Paulo significa o sofrimento de Cristo, seguido de humilhação e morte, e exprime a obediência ao Pai até a total auto-humilhação (Fl 2,8). A cruz exprime também os misteriosos caminhos da salvação que contrariam qualquer sabedoria humana (1Cor 1,17; Gl 5,11). É exatamente por isso que a vida do cristão deve se conformar com a cruz de Cristo (Fl 3,18; Gl 2,19; 6,14).

16. CASAGRANDE, M. O seguimento de Jesus na inserção espiritualidade. *Convergência*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 306, out. 1997, p. 500.

17. BORTOLINI, J. *A primeira Carta aos Coríntios: superar os conflitos em comunidade*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 21.

4. O processo de superação na Teologia: Cruz e Salvação

Deus continua fazendo história junto àqueles que continuam sofrendo no corpo as marcas da cruz. A cruz de Jesus está presente na cruz dos pobres de hoje. O criador continua escolhendo os marginalizados da comunidade para envergonhar os sábios, confundir os fortes e para reduzir a nada os poderosos. Em 1Cor 15,24, está escrito que o término de toda a existência dos “poderes vigentes é condição para a irrupção da plenitude escatológica do Reino de Deus. Desse modo, os pobres são transformados em instrumentos que antecipam o juízo de Deus sobre a história”¹⁸.

A teologia da cruz revela que Deus não comunga com a maldade humana. Deus, ressuscitando a Jesus e não sendo imparcial à realidade de cruz do Filho, abre esperança para todos os crucificados da humanidade¹⁹. O Ressuscitado é o Crucificado. Paulo entrou em Corinto exatamente pela porta dos trabalhadores e crucificados da história, anunciando-lhes Jesus crucificado. Para os judeus, tal fato soava como escândalo, pois seria impossível Deus se fazer fraco com os fracos. Já para os gregos, a encarnação de Jesus e sua morte como criminoso representavam a perversão da sabedoria: Deus não poderia se fazer louco com os loucos da sociedade, isto é, com os empobrecidos²⁰.

É impossível esquecer a cruz de Jesus. Embora de formas distintas, ainda hoje, são milhões os que morrem como Jesus. Muitos morrem crucificados, assassinados, torturados, sequestrados, abortados, drogados, abandonados nas prisões e pela lenta crucificação produzida pela injustiça. São, pois, os excluídos pelo sistema, que os descarta como uma massa inútil, promovendo aquilo que seria considerado o alívio da sociedade. Em outras palavras, trata-se dos povos sem rosto como o Crucificado. Paulo anuncia Jesus crucificado sem recorrer aos artifícios da sabedoria humana.

Cumprir observar que, no Novo Testamento, o próprio Jesus é quem afirma o simbolismo teológico da cruz. Tal registro pode ser encontrado nos Evangelhos sinóticos de (Mt 10,38; 16,24; Mc 8,34; Lc 9,23; 14,27). Esse simbolismo reaparecerá somente uma vez nos escritos de Paulo. Jesus disse que aqueles que o seguem devem tomar a sua própria cruz, perdendo, assim, a vida para conquistá-la. Jesus, na verdade, é sinal de contradição (Lc 2,34). Não que Ele queira discórdias, porém, elas são provocadas em virtude da escolha que exige. Seguir Jesus exige a “negação de si mesmo” (Mc 8,34). Para Edith Stein, “corresponder a esse imperativo significa abrir luta contra a natureza humana; significa tomar sobre si a própria cruz e entregar-se à crucificação”²¹. Paulo pregava Cristo, e Cristo crucificado, embora isso fosse escândalo para os hebreus e loucura para os gentios (1Cor 1,23; 2,2): “Ele não queria

18. HOEFELMANN, V. Corinto: contradições e conflitos de uma comunidade urbana. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 25, 1990, p. 28.

19. SOBRINO, J. *Jesus na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1985, p. 220.

20. BORTOLINI, *A primeira Carta aos Coríntios*, p. 26.

21. STEIN, E. *A ciência da cruz*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 48.

pregar o Evangelho da cruz em uma linguagem refinada para não privar a cruz do seu valor (1Cor 1,17). A linguagem da cruz é absurda para aqueles que, sem ela, se perdem; entretanto, é poder de Deus para aqueles que se salvam (1Cor 1,18)”²².

Paulo recorda aos cristãos de Corinto que receber o batismo em nome de Jesus Cristo – esse mesmo Cristo que foi crucificado – significa entrar em comunhão com a cruz de Jesus. É partilhar dos sofrimentos de Cristo (1Pd 4,13): Jesus é um sinal de que, em nosso caminho, também enfrentaremos algumas diversidades, que são superadas por meio da transformação que a cruz proporciona.

A proposta de Jesus aos discípulos, neste processo de superação, é que se disponham a passar pelas mesmas consequências da práxis libertadora segundo o Reino de Deus: contradição, perseguição e morte. A possibilidade do sofrimento não diminui nele nem nos discípulos, seus seguidores²³. Ireneu de Lião escreve contra os gnósticos, e parte do seguinte princípio que Cristo não exigiria de seus discípulos sofrimentos que Ele mesmo não tivesse experimentado²⁴.

Geralmente, a vontade de Deus significa o inverso do valor deste mundo: “Esta mística do sofrimento e da cruz empolgou, em todos os tempos, cristãos generosos, dando-lhes a força de suportar adiversidades e mesmo perseguição”²⁵. De acordo com Sölle, ainda que pudesse ser evitado, o sofrimento de Jesus foi voluntário. O amor não necessitaria passar pela cruz, mas o amor de Cristo o leva à cruz. O autor prossegue afirmando que a cruz não é nenhuma invenção teológica, mas é a resposta dada pelo mundo à tentativa de libertação. A cruz é o símbolo da realidade humana que sofre pela opressão e injustiças do mundo e que ainda não aprendeu a amar²⁶.

Em seu discurso, o pregador do papa, em abril de 2010, afirmou que a violência está derrotada. De acordo com ele, em quase todos os mitos antigos, a vítima era derrotada e o carrasco sempre era o vencedor. Jesus alterou o sentido da vitória: “Inaugurou um novo gênero de vitória, que não consiste em fazer vítimas, mas sim em fazer-se vítima. *Victor quia victima!* Vencedor porque vítima, assim Agostinho define o Jesus da cruz”²⁷.

Deus atua para todos, porém, está sempre ao lado dos excluídos: da viúva, do pobre, do órfão, do estrangeiro e dos mais vulneráveis. Só um Deus sofredor é capaz de ajudar. Muitas vezes, associamos o sofrimento ao fracasso. A partir de sua experiência pessoal com os nazistas, Bonhoeffer sustenta que a Sagrada Escritura “dirige

22. MCKENZIE, *Dicionário bíblico*, p. 204.

23. EICHER, P. Cruz/Sufrimento. In: _____. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005, p. 147.

24. IRENEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 332-334.

25. SOLDER, J. *Existe o Pai Celeste?* Curitiba: Rosário, 1997, p. 98.

26. SÖLLE, D. *Sufrimento*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 166-172.

27. CANTALAMESSA, R. *Quem busca Jesus sem a cruz encontrará a cruz*. 7 set. 2007. Disponível em: <www.zenit.org/rssportuguese-16053>. Acesso em: 5 set. 2010.

os seres humanos para um Deus sem poder e sofredor. Ele é fraco e sem poder no mundo, e este é exatamente o modo, o único modo, pelo qual Ele pode estar conosco e nos socorrer”²⁸. Nesse mesmo sentido, Santo Inácio de Antioquia, ao escrever uma Carta aos Efésios, argumentou ainda não estar “aperfeiçoado em Jesus Cristo”. Porém, quando fez o caminho para o seu próprio martírio, de livre submissão, ele fez a seguinte confissão: “Só agora estou sendo iniciado no discipulado”²⁹.

Jesus, na verdade, não é um conceito teológico ou filosófico, mas é o servo sofredor (Is 53). A encarnação de Jesus não se dá a partir da aristocracia. Ele poderia se manifestar na alta sociedade. Mas, encarnou-se na pirâmide social de baixo. O Verbo se desvencilhou de sua condição divina (Fl 2,6-7). É a *kênosis*, o Cristo assume a forma de escravo. O servo que lava os pés dos discípulos e prefere servir (Jo 13,1-12). Ele se esvazia de toda a pretensão de poder da categoria social. Renuncia a tudo de especial que o mundo poderia lhe oferecer como “filho do homem”. Segundo Barth, a “esta semelhança são destinados aqueles que amam a Deus: destinados a testemunhar o caminho da morte, a *Via Crucis* de Jesus, e também a sua ressurreição”³⁰. Portanto, “se quiseres chegar à posse de Cristo, jamais o busques sem a cruz”³¹, pois “quem busca Jesus sem a cruz, encontrará a cruz sem Jesus”³².

Por isso, quem se esvazia de si mesmo obriga a Deus a nascer em si. Na práxis da espiritualidade, temos profundamente o encontro do Absoluto. De maneira especial, ao nos esvaziarmos, experimentaremos o Crucificado presente nos crucificados deste mundo que chora e lança o seu clamor: “Tenho fome, estou na prisão, estou nu” (Mt 25,31-46). No dizer de João da Cruz, no entardecer da vida, só seremos avaliados no amor.

Deus sofre com aquele que sofre: “A vida e o sofrimento de Jesus estão dizendo que Deus não está separado dos sofrimentos da humanidade”³³. Deus participa da nossa história. A história do sofrimento da humanidade é também a história do sofrimento de Deus. Conforme Moltmann, o “Deus que não permite meramente a ação do mal, porque deseja que homens e mulheres sejam livres, mas também aquele que suporta a ação do mal sobre as vítimas, e recebe só as vítimas na comunidade eterna com ele”³⁴. Ainda segundo o autor, “um Deus que não permite sentir o sofrimento também não pode nos entender”³⁵.

28. BONHOEFFER, D. *Letters and papers from prison*. London: SCM Press, 1967, p. 219-220.

29. INÁCIO DE ANTIOQUIA apud SLANE, C. *Bonhoeffer, o mártir*. São Paulo: Vida, 2007, p. 220.

30. BARTH, K. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Fonte, 2009, p. 497.

31. STEIN, *A ciência da cruz*, p. 228.

32. CANTALAMESSA, *Quem busca Jesus sem a cruz encontrará a cruz*.

33. ROSSI, L.A.S. *Jesus vai ao McDonald's*. Curitiba: Champagnat, 2011, p. 134.

34. MOLTSMANN, J. *Quem é Jesus Cristo para nós hoje?* Petrópolis: Vozes, 1997, p. 66.

35. MOLTSMANN, *Quem é Jesus Cristo para nós hoje?*, p. 66.

Quando um inocente morre, o Deus da cruz está solidário com ele. Na verdade, não como um juiz distante e estranho, como se fosse um simples espectador insensível ao sofrimento, mas o Deus vizinho. O Deus cheio de compaixão, o Deus que fez da dor de toda a humanidade a sua dor, exatamente para lhe dar sentido e consolo³⁶.

Conforme assinala Alves, “Deus não é a explicação das dores do mundo. Ao contrário, Ele é o poder permanente que nega a justiça e o direito de sofrer na história sendo Ele mesmo: o Deus que sofre”³⁷. Esse dilema é apresentado na Primeira Carta aos Coríntios, na qual é o próprio Filho de Deus crucificado. É exatamente esse acontecimento histórico que João Paulo II, na sua Encíclica *Dominum et Vivificantem*, de 18 de maio de 1986, faz menção: “Se o pecado fez aparecer o sofrimento, então a dor de Deus no Cristo crucificado encontrou por meio do Espírito Santo a sua mais plena expressão humana. Aqui temos diante de nós um mistério paradoxal do amor: em Cristo, Deus sofre”³⁸. O Papa Bento XVI, em sua Encíclica *Spe Salvi*, de 2007, cita Bernardo de Claraval que faz uma brilhante afirmação: “*Impassibilis est Deus sed non incompassibilis* – Deus mesmo não pode padecer, mas Ele pode se compadecer”³⁹. O ser humano é tão importante para Deus que Ele mesmo se fez humano, para poder sofrer junto com o ser humano, plenamente real em carne e sangue, exatamente como nos foi mostrado no decorrer da história da Paixão de Jesus.

Moltmann, em seu livro *O Deus Crucificado*, cita Bonhoeffer: “Diante de Deus vivemos sem Deus. Deus que se deixa no mundo a pregar em uma cruz. Deus é impotente e fraco no mundo, e somente desta maneira está conosco em nossa ajuda”⁴⁰. Na encíclica *Fides et Ratio*, João Paulo II sustenta que a morte de Jesus na cruz desafia qualquer filosofia e se destina à falência toda a lógica humana na tentativa de redução ao plano do Pai de salvação⁴¹.

Paulo, em 1Cor 1,20, interroga: “Onde está o argumentador deste século? Deus não tornou louca a sabedoria deste século?” O Apóstolo não condena a sabedoria humana, que é dom de Deus, e que leva a conhecer a Deus. Para ele, as invenções da sabedoria humana não poderão salvar o homem e a mulher. Em última análise é preciso tomar uma decisão, fazer uma opção fundamental e ir ao encontro do Absoluto. Tal como afirma o Apóstolo: “Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e, o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e, o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é” (1Cor 1,27-28).

36. FORTE, B. *A teologia como companhia, memória e profecia*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 40.

37. ALVES, R.A. *A theology of human hope*. New York: Corpus, 1969, p. 117.

38. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Dominum et Vivificantem*. São Paulo: Paulus, 1997, n. 41.

39. CLARAVAL apud BENTO XVI. *Carta Encíclica Spe Salvi*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2008, n. 39.

40. BONHOEFFER apud MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. São Paulo: Academia Cristã, 2011, p. 70.

41. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et Ratio*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_15101998_fides-et-ratio_po.html>. Acesso em: 20 maio 2012, n. 23.

Considerações finais

A sabedoria humana, com pretensões a ser regra absoluta, recusa ver, na sua própria fragilidade, a força que vem do alto. Já Paulo a supera a partir da fraqueza: “Quando me sinto fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10). A humanidade tem imensa dificuldade em compreender como a morte pode ser fonte de vida e de amor. Contudo, Deus revela, em seu mistério, o seu desígnio salvador e tira da morte a vida. Ele escolheu aquilo que para a razão é considerado loucura e escândalo. Paulo usa a linguagem dos filósofos do seu tempo e sustenta ainda que a escolha que Deus fez no mundo foi preferencialmente por aquelas coisas que nada são. Ele escolheu aquilo que para o mundo é sem valor e desprezível, para confundir os fortes (1Cor 1,28). Jesus não andou com pessoas de grande sucesso. Mas, Ele trazia pessoas marcadas pelo sofrimento.

O homem moderno expulsou Deus e, por isso, chegamos ao niilismo. É bem verdade que só Deus, com amor gratuito revelado na cruz de Cristo, pode resolver o sujeito moderno. Este, por meio da violência, tem que destruir para chegar a um estado superior. Já a lei de Deus é a paz universal. O Apóstolo Paulo argumenta que a “razão não pode esgotar o mistério de amor que a Cruz representa, mas a Cruz pode dar à razão a resposta última que esta procura”⁴². Paulo não apresenta como critério a sabedoria das palavras, mas a Palavra da Sabedoria, como verdade e salvação. A superação do ser humano só acontece através da sabedoria da cruz que supera todo e qualquer “limite cultural que se lhe queira impor, obrigando-o a abrir-se à universalidade da verdade de que é portadora”⁴³.

Bibliografia

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1985.

ALVES, R.A. *A theology of human hope*. New York: Corpus, 1969.

BARBAGLIO, G. *As cartas de Paulo* (II). São Paulo: Loyola, 1989.

BARTH, K. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Fonte, 2009.

BENTO XVI. *Audiência geral: a importância da cristologia – a teologia da cruz*. 29 out. 2008. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081029_po.html>. Acesso em: 20 maio 2012.

_____. *Carta Encíclica Spe Salvi*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

BÍBLIA: Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.

BONHOEFFER, D. *Letters and papers from prison*. London: SCM Press, 1967.

42. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et Ratio*, n. 23.

43. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et Ratio*, n. 23.

BORTOLINI, J. *A primeira Carta aos Coríntios: superar os conflitos em comunidade*. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *Como ler a primeira carta aos Coríntios: superar os conflitos em comunidades*. São Paulo: Paulus, 1992.

CANTALAMESSA, R. *Quem busca Jesus sem a cruz encontrará a cruz*. 7 set. 2007. Disponível em: <www.zenit.org/rssportuguese-16053>. Acesso em: 5 set. 2010.

CANTARELA, A.G. Ser Cristão no meio de conflitos: uma leitura de 1Cor. *Convergência*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 300, p. 98-105, mar. 1997.

CASAGRANDE, M. O seguimento de Jesus na inserção espiritualidade. *Convergência*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 306, p. 496-511, out. 1997.

EICHER, P. Cruz/Sufrimento. In: _____. *Dicionário de Conceitos fundamentais de Teologia*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

FORTE, B. *A teologia como companhia, memória e profecia*. São Paulo: Paulinas, 1991.

HAWTHORNE, G.F.; MARTIN, R.P.; REID, D.G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

HOEFELMANN, V. Corinto: contradições e conflitos de uma comunidade urbana. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 25, p. 21-33, 1990.

HORSLEY, R.A. *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.

IRENEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. São Paulo: Paulus, 1995.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Dominum et Vivificantem*. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. *Carta Encíclica Fides et Ratio*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_15101998_fides-et-ratio_po.html>. Acesso em: 20 maio 2012.

MCKENZIE, J.L. *Dicionário bíblico*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

MESTERS, C. *Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho*. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

MOLTMANN, J. *O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. São Paulo: Academia Cristã, 2011.

_____. *Quem é Jesus Cristo para nós hoje?* Petrópolis: Vozes, 1997.

ROSSI, L.A.S. *Jesus vai ao McDonald's*. Curitiba: Champagnat, 2011.

SILVA, V. *Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus: teologia paulina*. São Paulo: Paulinas, 2005.

SLANE, C. *Bonhoeffer, o mártir*. São Paulo: Vida, 2007.

SOBRINO, J. *Jesus na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1985.

SOLDER, J. *Existe o Pai Celeste?* Curitiba: Rosário, 1997.

SÖLLE, D. *Sofrimento*. Petrópolis: Vozes, 1996.

STEIN, E. *A ciência da cruz*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

Vera Lúcia Membrive Casagrande
Rua Bigodinho n. 172 – Res. Del Condor
86703-320 Araçongas, PR
vera.casagrande@hotmail.com

Vicente Artuso
Rua Orlando Maimone, 85
Vale Tucanos
86046-530 Londrina, PR
vicenteartuso@gmail.com